



EDIÇÃO 16 – 2º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/10/2013



PÓS-MODERNIDADE E A CONCEPÇÃO DO HERÓI: A REPRESENTAÇÃO DO EU E DO OUTRO

Elisângela Leal da S. Amaral¹ (UEMS)
elisilvamaral@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes² (UEMS)
natanielgomes@uol.com.br

Marlon Leal Rodrigues³ (UEMS)
Marlon@uems.br

RESUMO: A chamada pós-modernidade tem gerado profundas transformações no cenário mundial. Os grupos e formas de relacionamentos têm sido transformados. O modelo de vida imposto pelo sistema capitalista tem alterado também os padrões de valores sociais. Em meio a tantas mudanças, o processo de formação de identidade do indivíduo vem sendo alterado. Embora não trabalhe o homem de forma individual, o campo teórico da análise de discurso de linha francesa colabora para entendermos por que as transformações sociais têm afetado diretamente a formação da identidade do sujeito, já que as condições de produção dadas, a ideologia que atravessa o sujeito e a historicidade vivenciada implicam diretamente nessa formação. Nesse sentido, por não ter suas necessidades de relacionamentos satisfeitas e nem encontrar, entre seus pares, referências que lhe agrade, o homem tem buscado nos super-heróis, ou seja, na ficção, aquilo que lhe falta na vida real.

Palavras-chave: ideologia, sujeito, pós-modernidade, identidade, super-herói.

ABSTRACT: The so-called post-modernity has generated profound changes in the global scenario. Groups and forms of relation have been transformed. The model of life imposed by the capitalist system has also changed the patterns of social values. Amidst all these changes, the process of identity formation of the individual has been changed. Although not working man individually, the theoretical field of French Discourse Analysis collaborates to understand why social transformations have directly affected the formation of the subject's identity, since the conditions of given production, the ideology that crosses the subject and experienced historicity directly imply that formation. In this sense, for not having their needs

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), professor do Curso de Letras e do Mestrado (Acadêmico e Profissional) da Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMS).

³ Pós-Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), professor do Curso de Letras e do Mestrado Acadêmico da Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMS).



EDIÇÃO 16 – 2º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/10/2013



met and not finding relationships between peers references he pleases, man has sought in superheroes, or in fiction, what lacks in his real life.

Keywords: ideology, subject, postmodernism, identity, superhero.

INTRODUÇÃO

Os estudos científicos sobre ideologia, ao longo do tempo, vêm abordando o tema sob diversas perspectivas, no entanto, mesmo em campos teóricos diferentes, uma perspectiva se mantém: é ela o elemento que move as atitudes humanas, seja do indivíduo, ou do sujeito⁴.

Do mesmo modo, o termo sujeito pode ser abordado sob diferentes modos, que vão variar de acordo com o campo teórico. Desde sinônimo de indivíduo a uma concepção mais particular como ocorre na análise de discurso de linha francesa.

Outro ponto relevante consiste na observação da pós-modernidade como cenário demarcado para as organizações sociais do tempo presente, bem como os valores que se estabelecem no espaço dessa demarcação temporal.

O homem da pós-modernidade tem se apresentado conflituoso, carente de valores que o acolham em suas necessidades humanas e que, do mesmo modo, sirvam-lhe de referências. Nesse sentido, os heróis das histórias em quadrinhos têm sido deslocados da ficção para a vida real.

1. IDEOLOGIA: UMA FORÇA NECESSÁRIA À CONCEPÇÃO DO SUJEITO

O termo ideologia, ao longo dos estudos científicos tem, sido abordado de diversas formas por diversos teóricos.

Sabe-se que a expressão: ideologia foi forjada por Cabanis, Destutt de Tracy e seus amigos e que, designava por objeto a teoria (genérica) das ideias. Quando, 50 anos mais tarde, Marx retoma o termo, ele lhe confere, desde as suas Obras da Juventude, um sentido totalmente distinto. A ideologia é aí um sistema de ideias, de representações que domina o espírito de um homem ou de um grupo social. (ALTHUSSER, 2012, 81)

⁴ Sujeito do campo teórico da análise de discurso de linha francesa..

Ao adotar o termo, que mais tarde se tornará um dos fundamentais para a sustentação de teorias da análise do discurso, Marx na então elaboração de seu materialismo histórico, passa a reformular o sentido que lhe era atribuído. Esse processo de transição segue alguns passos. “Na ideologia alemã, esta fórmula aparece num contexto nitidamente positivista. A ideologia é concebida como pura ilusão, puro sonho, ou seja, nada.” (Althusser, 2012, 83) Nesse sentido a ideologia era comparada a simples imaginação ou sonho. A primeira, uma atividade consciente, controlada pelo indivíduo. A segunda, nem isso, mas apenas um possível conjunto de fragmentos daquilo que teria sido vivido durante o dia. Uma espécie de ornitorrinco e só.

Em sua obra *Aparelhos ideológicos de Estado*, Althusser traça alguns paralelos com teorias de Freud, em que usa as teorias do psicanalista para fundamentar suas progressões sobre o assunto, apoiando-se sobre o mesmo numa relação progressiva de abordagem do tema: “[...] eu retomarei palavra por palavra da expressão de Freud e direi: *a ideologia é eterna*, como o inconsciente.” (Althusser, 2012, 85). É essa a forma que o autor escolhe para afirmar que assim como o inconsciente não tem história, a ideologia também não, não podendo, dessa forma, serem demarcados ou limitados temporariamente, ou seja, delimitados por início e/ou fim.

Ao chegar à definição adotada pelo Marxismo, a ideologia assume a conotação de uma força motora capaz de gerar no indivíduo uma atitude, a materialidade.

O indivíduo em questão se conduz de tal ou qual maneira, adota tal ou qual comportamento prático, e, o que é mais, participa de certas práticas regulamentadas que são as do aparelho ideológico do qual “dependem” as ideias que ele livremente escolheu com plena consciência, enquanto sujeito. (ALTHUSSER, 2012, 90).

Por essa teoria, as atitudes do homem estão diretamente associadas à ideologia de determinadas instituições sociais, sejam elas políticas, religiosas, ou de que ordem forem. Nesse sentido que a ideologia é exterior à história, uma vez que é por meio da ideologia que as atitudes serão geradas e as atitudes fazem a história, embora a história, em alguma medida, influencie a ideologia.

Para a teoria de Althusser sobre ideologia, “Desaparece: o termo ideias. Permanecem: os termos sujeito, consciência, crença, atos. Aparecem os termos práticas, rituais, aparelho ideológico”. (Althusser, 2012, 90), ou seja, para o autor as ideias não são mais resultado da imaginação de um indivíduo, mas



EDIÇÃO 16 – 2º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/10/2013



produto daquilo que reza uma determinada instituição (aparelho ideológico), que, ao atrair um indivíduo com a sua ordem ou filosofia de funcionamento, atravessa-o, interpelando o mesmo em sujeito sob dadas condições, levando-o a realizar práticas ou rituais. Assim nasce o sujeito.

2. ABORDAGENS SOBRE O SUJEITO

À proporção que a palavra é um elemento neutro e depende da relação com o outro para se estabelecer como objeto constituinte de algum sentido, o sujeito precisa do sentido do discurso para apresentar sua identidade. Numa reflexão no âmbito da AD, trata-se não do sujeito-indivíduo produtor consciente de uma mensagem ou referencial conteudista, plenamente consciente e autor de um enunciado próprio, estabelecido frente à sua criação, mas de um constituinte atravessado por uma ideologia materializada por meio da linguagem.

Há, segundo Orlandi (2012, p. 50), que se levar “*em conta também sua dimensão histórica e psicanalítica*”, por esse aspecto, neste ponto, torna-se necessária, a retomada de alguns pontos referentes ao berço da AD, para uma reflexão menos ingênua.

A partir da Linguística, da Psicanálise, e do Marxismo, seguindo um processo de rompimento com arestas conceituais das ciências que a rodeavam, e das quais passa a se apropriar para existir, chega ao ponto de “romper” consigo mesma. É o que pode ser fundamentado com a fala de Possenti ao dizer que “Às vezes ruptura significa instaurar uma problemática nova (...). Às vezes, significa mais claramente a ocupação do mesmo campo de outra forma” (Possenti, p. 356) Nesse sentido é que a AD se demarca em três fases distintas, ocasionando que, em cada uma delas, exista um tipo diferenciado de sujeito.

Se para Althusser a ideologia é a força propulsora capaz de mover tudo o que ocorre na esfera da vida, e se essa mesma ideologia vem atravessar o sujeito materializando-se por meio da linguagem, assim também há um paradoxo sempre entre quem/o quê constitui quem/o quê:

(...) a categoria de sujeito é constitutiva de toda ideologia, mas, ao mesmo tempo, e imediatamente, - acrescentamos que a categoria de sujeito não é constitutiva de toda ideologia, uma vez que toda ideologia tem por função (é o que a define) “constituir” indivíduos concretos em sujeitos. (ALTHUSSER, 2012, p.93)

Para entender Althusser, necessário se faz reconhecer a relação de interdependência existente entre estes três elementos: discurso, ideologia e sujeito. Conjunto no qual a ordem pode ser dispensada. Apoiando-



EDIÇÃO 16 – 2º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/10/2013



se em afirmações de Orlandi: “Esta é a marca da subjetivação, e ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados.” (ORLANDI,2012,p. 47) Para compreender aquilo de que se trata com essa aparente contradição: na mesma medida em que não há discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia, o sujeito é atravessado pela ideologia, que só pode se materializar por meio da linguagem, ou seja, a ideologia não acontece sem discurso, que é realizado pelo sujeito, por isso não há sujeito sem ideologia, assim como não há ideologia sem sujeito.

O homem da psicologia, apenas ser consciente, sob os ângulos da AD, torna-se um ser atravessado por muitas vozes, afetado pela linguagem e pela ideologia dos aparelhos ideológicos a que se vincula, passando a agir de acordo com as ideias presentes nos mesmos, seja nos rituais ou atitudes, ou nos discursos proferidos em meio aos esquecimentos, de tal forma que se torna capaz de crer estar no controle daquilo que lhe escapa no ato de sua fala, ou seja, na formação discursiva.

A ruptura é progressiva, e no caso do materialismo histórico, um fato em especial pode ser notado: o próprio discurso da AD passa por rompimentos que compreendem sua divisão em três fases. A fase inicial, intitulada AD-1 “explora a análise de discursos mais estabilizados” (Mussalin. 2000. P. 117), ou seja, discursos provenientes de uma mesma linha ideológica.

Um processo de produção discursiva é concebido como uma máquina autodeterminada e fechada sobre si mesma, de tal modo que um sujeito-estrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos: os sujeitos acreditam que “utilizam” seus discursos quando na verdade são seus “servos” assujeitados, seus suportes. (PÊCHEUX. 1990. P.311)

Nessa fase, o sujeito é apenas um reproduzidor de um discurso realizado por “uma máquina discursiva (por exemplo um mito, uma ideologia, uma episteme)” (Pêcheux, 1990, p. 312), máquinas equivalentes que não gerariam discursos polêmicos ou contraditórios entre si.

Já fase da AD-2, a mudança que vai ocorrer é uma pequena desestabilização, mas já é possível observar certa oposição entre o interior da máquina discursiva e seu “exterior: uma FD discursiva não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente “invadida” por elementos que vêm de outro lugar) (Pêcheux, 1990, p. 314). Aqui a ideia da existência de um outro é mais forte, contudo as FD (formações

discursivas) se colocam lado a lado, sem movimentos que marquem realmente uma grande mudança de funcionamento.

Nesse progresso, chega-se ao sujeito da AD-3, agora um elemento que surge entre o “discurso-outro” (Pêcheux. 1990, p. 316). Essa fase passa a explorar um sujeito de entrediscursos, denotando uma complexidade ainda maior. Se antes a psicanálise dava conta de torná-lo inconsciente a fim de que fosse atravessado por uma ideologia que se materializasse por meio da linguagem sem o menor controle do sujeito de então, já que era apenas o reflexo de uma máquina; Pêcheux agora se depara com a “heterogeneidade” com o “ego-eu” (Pêcheux. 1990. P.316). Nesse sentido, começam a surgir situações problemáticas:

Como separar, nisso que continuamos a chamar “o sujeito da enunciação”, o registro funcional do “ego-eu” estrategista assujeitado (o sujeito ativo intencional teorizado pela fenomenologia) e a emergência de uma *posição do sujeito*? Que relação paradoxal essa emergência mantém com o obstáculo, a irrupção imprevista de um discurso-outro, a falha no controle? O sujeito seria aquele que surge por instantes, lá onde o “ego-eu” vacila? Como inscrever as consequências de uma tal interrogação nos procedimentos concretos da análise? (PÊCHEUX, 1990, p. 317).

Percebe-se que o trabalho de conceituação do sujeito é um trabalho complexo. Segundo Sírio Possenti: “os sujeitos são históricos e atuam; (...) a ideologia está sempre presente, mas não é a única realidade e também é histórica, (...) os sujeitos estão irremediavelmente dentro e fora do arquivo, quem sabe mesmo arquivando” (Possenti, 2002, p.102). Nesse sentido Eni também contribui dizendo que “este é o trabalho da ideologia: produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência.” (Orlandi 2012, p.46), ou seja, a ideologia leva o indivíduo a realizar atitudes que ajudam a demarcá-lo como sujeito.

3. O SUJEITO E A PÓS-MODERNIDADE

Althusser, ao discutir questões sobre a ideologia, abre um questionamento:

Sendo assim, assim a questão da “causa” da deformação imaginária das relações reais na ideologia desaparece, e deve ser substituída por uma outra questão: por que e representação dos indivíduos de sua relação (individual) com as relações sociais que governam suas condições de existência e sua vida coletiva e individual é, necessariamente, imaginária? E qual a natureza deste imaginário? (ALTHUSSER, 2012, p.88)



EDIÇÃO 16 – 2º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/10/2013



Não seria possível apresentar uma resposta de sentido único e capaz de solucionar a problemática, porém, ao ser transportada para a atualidade, a conjuntura da sociedade atual ofereceria possíveis respostas. A era denominada como pós-moderna:

Pós-modernismo é o nome aplicado às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas desde 1950, quando, por convenção, se encerra o modernismo (1900-1950). Ele nasce com a arquitetura e a computação nos anos 50. Toma corpo com a arte Pop nos anos 60. Cresce ao entrar pela filosofia, durante os anos 70, como crítica da cultura ocidental. E amadurece hoje, alastrando-se na moda, no cinema, na música e no cotidiano programado pela tecnociência (ciência + tecnologia invadindo o cotidiano com desde alimentos processados até microcomputadores), sem que ninguém saiba se é decadência ou renascimento cultural. (SANTOS, 1987)

Esse tempo vem sendo demarcado por inúmeros fatores que têm propiciado uma forma de vida e formação identitária marcadas por inseguranças e instabilidades. As inconstâncias, as incertezas têm desestabilizado as pessoas. Há falta de consenso até mesmo para se estabelecer a denominação da era. Há quem diga que se vive a modernidade. Há quem defende que é o tempo da pós-modernidade.

Há tentativas de se reconfigurar as famílias a fim de que já não sejam mais representadas pelo modelo tradicional: pai, mãe, filhos, outros modelos presentes na sociedade passam a ser representados, neste cenário, a única certeza é a dúvida. Dúvida quanto aos padrões pré-estabelecidos, quanto à origem, quanto ao presente, quanto ao futuro, quanto ao ser, quanto ao sexo, quanto à identidade.

O domínio exacerbado do capitalismo transforma tudo em mercadoria. Tudo está etiquetado, tem preço. Tudo tem de ser pago. Nesse mercado, várias necessidades não preenchidas. Há produtos necessários que as prateleiras e lojas virtuais não têm podido oferecer. E tem havido uma crescente falta desses elementos na composição do ser. Buscam-se respostas. Buscam-se valores que substituam aqueles que têm sido negados. Buscam-se referências. A angústia cresce. Não se tem, na verdade, a definição do que se busca. Busca-se. A necessidade de encontrar mecanismos que possibilitem encontrar respostas para que se compreenda isso que se tem vivido sem entender o que é.

O sociólogo Bauman, em entrevista à revista *Filosofia* afirma que

Ao nascer e durante sua juventude, a Modernidade pretendeu ser um esforço único e uma revisão definitiva do mundo; ela tinha esperança e esperava sair dessa função. O projeto original não incluía rigorosamente a possibilidade de a “modernização”

tornar-se uma compulsão e obsessão, de fato, uma forma permanente de vida em nossa época. Isso foi antes uma sequela involuntária, não planejada e não prevista[...] (BAUMAN, 2013)

O autor, autoridade nessas transformações sociais que ocorrem no momento, defende que há diferenciação entre o tempo chamado modernidade, que, segundo ele, já não engloba os acontecimentos e as circunstâncias dos dias de hoje. Nesse sentido, procura apresentar explicações sobre os termos que buscam definir o tempo atual:

Há muitos termos empregados para descrever nossa condição sociocultural contemporânea (a propósito, foi Georges Balandier quem primeiro sugeriu o nome “surmodernité”) – pós-modernidade, modernidade tardia, segunda modernidade – todos implicam que a realidade não é mais como ela costumava ser quando nós a descrevíamos como sendo apenas “modernidade”, sem um qualificador. Mas todas as designações chegam à beira de sugerir como a nossa realidade difere de sua antecessora. (BAUMAN, 2013)

Em alguma medida, toda essa problemática tem interferido na formação da identidade do sujeito contemporâneo, em suas práticas sociais. O homem, ser simbólico e social necessita de grupo para se realizar. Precisa do outro para ser estabelecido como sujeito. Precisa do outro, afinal é na relação com o outro que se define o eu. E nesse processo, a referência é imprescindível.

4. HERÓI: A REPRESENTAÇÃO DO EU E DO OUTRO

Em tempo de pós-modernidade, pensar em identidade envolve situações mais complexas. Quando o sistema fragmenta tudo em nome do lucro, as relações se confundem com os serviços, as razões deixam de ser espontâneas. Os valores tornam-se relativos demais. Os parâmetros ficam cada vez mais escassos. O homem pós-moderno está perdido em meio a muitas perguntas sem respostas, anseios não realizados, questionamentos, insatisfações e excesso de informações, que paradoxalmente, oferece muitos dados, porém deixa de lhe oferecer os que realmente são os mais necessários..

Desse modo, a cada dia cresce a busca por saída, por identidade, por identificação e, conseqüentemente, por referências. Na ausência de um modelo real, concreto, que configure uma relação de empatia ou exemplo para sua existência, o ser da realidade mergulha no fictício na tentativa de realizar uma existência verdadeira. Afinal o outro real já não é capaz de satisfazer a expectativa, a sede de vida que lutava pela independência encontra-se presa à necessidade de pertencer. Há uma necessidade básica de encontrar um par que se aproxime por identificação, por afinidade ou por qualquer outra coisa que, existindo, seja

diferente da superficialidade que tem pairado sobre a liquidez⁵ da modernidade em toda essa ausência de superfícies sólidas, de relacionamentos sólidos, de referências sólidas, e de se filiar a ele.

Nessa perspectiva, a realidade pós-moderna tornou-se um mundo duro demais, com problemas demais, ou com um número insuportável de falta de soluções, assim a ilusão torna-se, novamente, solução para a problemática instaurada. A massa manobrada procura outras histórias, menos desgastadas, com enredo inteiro em oposição à própria fragmentação, um mundo que a seduza, onde haja o que esperar, a quem admirar, e até mesmo a quem odiar sem culpa.

Principalmente é necessário que a história em quadrinhos seja entendida como um produto típico da cultura de massa, ou especificamente da cultura jornalística. A necessidade de participação e envolvimento catártico motivada pela alienação do indivíduo, a metamorfose da informação em mercadoria, o avanço da ciência, a nova consciência da realidade, enfim, as coordenadas características do estabelecimento da sociedade de consumo criaram as condições para o aparecimento e sucesso do jornal, cinema e quadrinhos. (KLAWA, 1977 p. 108)

Ao abordar “condições para o aparecimento e sucesso do jornal, cinema e quadrinhos”, o autor, provavelmente se referia a condições de produção das obras, como recursos gráficos que facilitassem a criação, que possibilitassem a produção em escala, etc. Porém o ambiente forjado pela pós-modernidade também colabora para a propagação de cinema e quadrinhos com as riquezas vinculadas a eles, em todos os aspectos. Em tempos mais remotos, ouvia-se a máxima “a arte imita a vida”, hoje há quem anseie por acreditar que a vida possa ser substituída pela arte, ou seja, se antes a arte copiava a vida, agora melhor é que a arte reformule a vida, passe a vida a limpo, e que seja em capítulos, ou edições já que o homem, em suas incertezas e contradições, está entre o querer que acabe logo e o perpétuo, ou seja, que as histórias cumpram todo o seu ciclo, durem, cheguem ao fim, contudo, acabando, que se inicie logo alguma nova.

O homem pós-moderno precisa encontrar quem o defenda de si mesmo, da solidão, dos males, das injustiças, e até daquilo que se tornou. Como uma criança precisa de um herói para acreditar, alguém em quem confiar, com quem se identificar, uma referência.

Não se ama um herói pelos seus poderes, mas pela sua dor. Nossos olhos podem até se voltar a eles por suas habilidades fantásticas, mas é na humanidade que eles

⁵ Segundo Bauman, em entrevista a Isto é, “Líquidos mudam de forma muito rapidamente, sob a menor pressão. Na verdade, são incapazes de manter a mesma forma por muito tempo. No atual estágio “líquido” da modernidade, os líquidos são deliberadamente impedidos de se solidificarem. A temperatura elevada — ou seja, o impulso de transgredir, de substituir, de acelerar a circulação de mercadorias rentáveis — não dá ao fluxo uma oportunidade de abrandar, nem o tempo necessário para condensar e solidificar-se em formas estáveis, com uma maior expectativa de vida”.

crecem dentro do gosto popular. Os super-heróis que não sofrem ou simplesmente trabalham para o sistema vigente tendem a se tornar meio bobos, como o Tocha-Humana ou o Capitão América. (GOMES, 2013)

Na década de 60, “quando Stan Lee inaugura a nova formatação de herói com a reconfiguração do Capitão América” (Cereja, 2003, p. 111), durante o processo que seria o início da redescoberta das HQs, o homem da pós-modernidade recebe um modelo novo para visualizar. Percebe que não está sozinho em seus conflitos, batalhas e limitações. A nova configuração de heróis, bem mais próximos das características humanas facilita a aceitação de suas dificuldades, bem como o ajuda a ter esperança de que, de tempo em tempo, conseguirá vencer seus maiores temores. Não há mais tanto problema em ser um excluído aqui ou ali, limitado ou frustrado em algumas áreas, já que seres especiais, fortes e com algumas características acima da média convencional também passam por isso e, em determinado momento, vencem, tornam-se o centro das atenções, desejáveis, apreciados.

Toda boa história de super-herói é uma história de exclusão social. Homem-Aranha é um *nerd*, Hulk é um monstro amaldiçoado, Demolidor é um deficiente, os X-Men são indivíduos excepcionais, Batman é um órfão, Super-Homem é um alienígena expatriado. São todos símbolos da solidão, da sobrevivência e da abnegação humana. (GOMES, 2013)

Na mesma medida, é possível encontrar nos heróis as insatisfações, a sede por reformas e revoluções de tudo aquilo que o incomoda na sociedade, seja a ciência que se corrompeu levando mentes brilhantes a se tornarem meras produtoras daquilo que gera lucro em um tempo em que a motivação de cientistas é reduzida a preço, à sua conta bancária, enquanto produtos químicos conservam o alimento para a venda e destroem a saúde de quem os compra para comer e mais tarde morrer doente. Ao passo que muitos não são atingidos pela ciência, não porque sejam poupados, mas porque não têm dinheiro para pagá-la, nem pelo bem que poderia fazer, nem pelo mal que faz. Estes continuam morrendo por outras doenças, já que a indústria científica de cosméticos paga muito, mas não tem como foco de pesquisa o tipo de produto que lhes atenda, ou morrem mesmo de fome.

Hulk e Homem-Aranha são seres que criticam a inconsequência da ciência, com sua energia atômica e suas experiências genéticas. Os X-Men nos advertem para a educação inclusiva. Super-Homem é aquele que mais se aproxima de Jesus Cristo, e por isso talvez seja o mais popular de todos, em seu sacrifício solitário em defesa dos seres humanos [...] (GOMES, 2013)



EDIÇÃO 16 – 2º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/10/2013



Nesse sentido, seja por questões de limitações físicas, falta de aceitação, injustiças sociais, ciência ou até mesmo como lembrança daquele de quem tentaram se livrar, mas continua salvando, os heróis têm representado uma porta de escape do que se tornou este mundo tão real quanto duro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos tempos pós-modernos, uma característica do homem tem se mostrado primitiva: a busca pela sobrevivência. Se no início da história da humanidade, o ser humano se movimentava no sentido de encontrar o suprimento das próprias necessidades, hoje não é diferente.

O que mudou foi que, naquela época, cada grupo trabalhava para garantir a caça e a proteção. Hoje, numa representação mais primitiva que aquela, não há grupo. A fragmentação gerada pelo sistema capitalista tem isolado cada homem e cada mulher em uma ilha de necessidades e de problemas.

Em busca de uma ideologia que lhe sustente como sujeito, além de motivá-lo a ter esperança, bem como lhe assegure modelos a serem seguidos, o ser humano da pós-modernidade tem buscado referencial na vida dos heróis das histórias em quadrinhos. Nesse sentido, tem encontrado soluções para os problemas reais na ficção.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutividade técnica *in A ideia do cinema*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

BAUMAN, Zygmunt. *A aflição de uma vida líquida. Entrevista concedida a Renato Nunes Bittencourt*. In. <http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/58/artigo214649-4.asp> Acesso em 1 de outubro de 2013.

_____. "Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar" **Entrevista concedida a Adriana Prado**. In. http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS Acesso 1 de outubro de 2013.

CEREJA, Willian Roberto & MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Todos os textos*. São Paulo: Atual. 2003.

GOMES, Nataniel dos Santos & ABRÃO, Daniel. Ideologias nos Quadrinhos: o capitão América in GOMES, Nataniel dos Santos, RODRIGUES, M. L. (Orgs) *Para o alto e avante*. Curitiba: Appris. 2012.



EDIÇÃO 16 – 2º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/10/2013



GOMES, Nataniel dos Santos. *Aprendendo com as Histórias em Quadrinhos: personagens e leitores marginais e possibilidades de inclusão*. Apresentação no PROLER em Campo Grande, MS. 2013.

KLAWA, L.; COHEN, H. *Os quadrinhos e a comunicação de massa*. In: MOYA, Álvaro de. *Shazam!* 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1977:

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2012

PÊCHEUX, Michel, *Semântica e Discurso*. Campinas, SP: UNICAMP, 2009.

JAIR, Ferreira dos Santos, *O que é pós-moderno*. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1987.

VERGUEIRO, Waldomiro. *Uso das HQs no ensino*. In *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. RAMA, A. & VERGUEIRO, W. (Orgs) São Paulo: Contexto. 2007.